

Bank of America propõe renegociação

Bank

em prazo maior

Brasília — “O Brasil deve negociar seus problemas de balanço de pagamentos por um prazo maior, pois a atual tática de discutir sua dívida ano a ano tem trazido muitos traumas ao mercado financeiro internacional”. Esta é a opinião que Samuel Armacost, presidente do Bank of América, o segundo maior credor do Brasil, expôs ontem ao Presidente Figueiredo — em um encontro de 40 minutos — e a toda a cúpula econômica do Governo.

Para o banqueiro, as negociações devem ser feitas de governo a governo e também com as instituições financeiras multilaterais, e de forma a que “conjugue as necessidades de fluxo de caixa do país com o crescimento econômico e com o serviço da dívida”. Ele o disse a Figueiredo e o reproduziu depois, em rápida entrevista no hall do Palácio do Planalto.

Armacost almoçou no Ministério da Fazenda com os Ministros Delfim Neto, do Planejamento; Ernane Galvêas, da Fazenda; Nestor Jost, da Agricultura; e com o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore. Depois, levado por Galvêas, foi ao Palácio conversar com Figueiredo.

“Discutimos no encontro com o Presidente e no almoço com os ministros as alternativas para a negociação da dívida brasileira com prazos mais longos”, contou Armacost, após a audiência. O banqueiro esquivou-se no momento de detalhar as alternativas, dizendo apenas que foi uma “conversa franca” sobre as necessidades (financeiras) além de 1984.

— Estou bastante satisfeito com o excelente progresso na redução do déficit no balanço de pagamentos brasileiro neste início de ano — disse Armacost a Figueiredo, segundo reproduziu mais tarde.

Depois, Armacost explicou que “o mundo mudou muito com o passar dos anos” e o processo de negociação dos problemas financeiros dos países, hoje, tem que envolver as entidades multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional, o Clube de Paris e o Banco Mundial. Contudo, ressaltou: “Uma solução durável requer negociações de governo a governo”.

— Os senhores vieram preparar o terreno, já que os bancos precisarão negociar com o próximo governo brasileiro, que ainda não se sabe qual será? — indagou um repórter.

— É lógico que um outro governo deverá modificar a política brasileira. O tema interessa e preocupa os credores — respondeu ele. “O que os credores querem garantir”, explicou, “é uma boa conjugação de esforços do segmento financeiro privado e das instituições multilaterais, para solucionar o problema das dívidas dos países, sem que haja traumas maiores”.

O porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Átila, afirmou ontem à tarde que a idéia defendida pelo banqueiro norte-americano Samuel Armacost coincide com os esforços das autoridades brasileiras em relação à dívida externa do país. Segundo Átila, as autoridades brasileiras querem prazos mais longos para a renegociação da dívida.